

**VI COLÓQUIO
INTERNACIONAL
DE METAFÍSICA**

2 - 4 de Junho (Natal, Brasil)

**O Habitar e
o Inabitual**

Programação e Resumos



VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE METAFÍSICA

2 - 4 de Junho (Natal, Brasil)

O Habitar e o Inabitual

Programação e Resumos



PPG
Pró-Reitoria de Pós-Graduação



Comissão Organizadora	Prof. Dr. Oscar Federico Bauchwitz Prof. Dr. Eduardo Pellejero Ms. Leonardo Bernandino Lopes Ms. Gilvânio Moreira
Comissão Científica	Prof. Dr. Oscar Federico Bauchwitz Prof. Dr. Eduardo Pellejero Prof. Dr. José Gonzalez Ríos Prof. Dr. José Ordóñez García
Realização	Programa de Pós-Graduação em Filosofia - UFRN
Revisão	Organizadores
Imagem	Anish Kapoor, sem título, 1991
Capa e diagramação	Sofia Porto Bauchwitz

Catologação da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Colóquio Internacional de Metafísica, (6. : 2021 : Natal, Rio Grande do Norte).

O Habitar e o Inabitual : programação e caderno de resumos do VI Colóquio Internacional de Metafísica / organizadores Oscar Federico Bauchwitz... [et al.]. – Natal: UFRN, 2021.

79 p.

Evento realizado de 02 a 04 de junho de 2021.

ISBN 978-65-9951-85-0-8

1. Filosofia – Brasil – Evento. 2. Metafísica – Brasil – Evento. I. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. II. Bauchwitz, Oscar Federico... [et al.]. III. Título.


RN/BS-CCHLA

CDU 111



PROGRAMAÇÃO

DIA 02 DE JUNHO – QUARTA-FEIRA



1

SESSÃO 1

Habitar e Habitação em Martin Heidegger

Moderador: Gilvânio Moreira

8:45 – 10:15

“O Dasein e o problema do habitar: a importância de se demorar junto às coisas”

Luana Alves de Oliveira (PPGFIL/Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

“O habitar e o inabitual na oposição entre o páthos da distância ou nobreza e o éthos do ponto de vista da utilidade”

Bruno Camilo de Oliveira (Universidade Federal Rural do Semiárido)

Intervalo

10:30 – 12:00

“Historicidade e existência: modos do ser humano habitar no mundo”

Alexandre Soares de Sousa (Universidade Federal da Paraíba)

“O habitar na morada do ser: Pensar e meditar nos caminhos da linguagem”

Francisco Ramos Neves (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte)

“Sobre o habitar existencial”

Gilvânio Moreira (PPGFIL/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

SESSÃO 2

Pensamento e Habitação

Moderador: Leonardo Lopes

2

8:45 – 10:15

“A epoché husserliana e a suspensão do hábito: do objetivismo naturalista ao Mundo da Vida”

Caio Lívio Sulpino Dantas (Universidade Federal da Paraíba)

“Habitar o monstruoso - Sloterdijk e as espumas contemporâneas”

Alan Campos e Camila Pordeus (PPGCOM/Universidade Federal de Pernambuco)

Intervalo

10:30 – 12:00

“A simplicidade rústica do habitar japonês”

Luiz Fontes-Teixeira (Universidade Federal de São Paulo)

“O digital como modo inabitual de habitação: Uma análise do virtual em Flusser a partir dos conceitos de não-coisa e imaterialidade”

Bruno Lemos Hinrichsen (Universidade de Coimbra, Portugal)

SESSÃO 3

3

Arte e Filosofia

Moderadora: Sofia Porto Bauchwitz

8:45 – 10:15

“Clarice Lispector: sobre o caráter inabitual da vida”

Cicero Cunha Bezerra (Universidade Federal de Sergipe - CNPq)

“El filo del exilio: morar en el misterio según Martin Heidegger”

Saulo Alvarado Martinsanz (Universidad Nacional de Educación a distancia - Espanha)

“La “divinización” contemporánea de los individuos humanos. Una mirada metafísica al problema del habitar en comunidad”

Horacio A. Gianneschi (Universidad Nacional de San Martín - Argentina).

"Contingência, solidão, interrupção: Conceitos para encarar um tempo com o qual não contávamos"

Eduardo Pellejero (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Intervalo

10:30 – 12:00

“¿Qué es lo Queer dentro de la Teoría Queer? Indagaciones de una metafísica de la indeterminidad absoluta”

Daniel Alberto Sicerone (CONICET/Instituto de Filosofía Dr. Alejandro Korn/Universidad de Buenos Aires - Argentina)

“O problema ontológico da dança”

Robson Farias Gomes (PPGμ/Universidade de Brasília)

“O ser-em-obra como o meio do ser e do agir”

Simone T. Vedana (Universidade de Caxias do Sul)

“Avistamento: quando o extraordinário se perde de vista”

Sofia Porto Bauchwitz (Universidade Federal de Pelotas)

14:30 Conferência 1

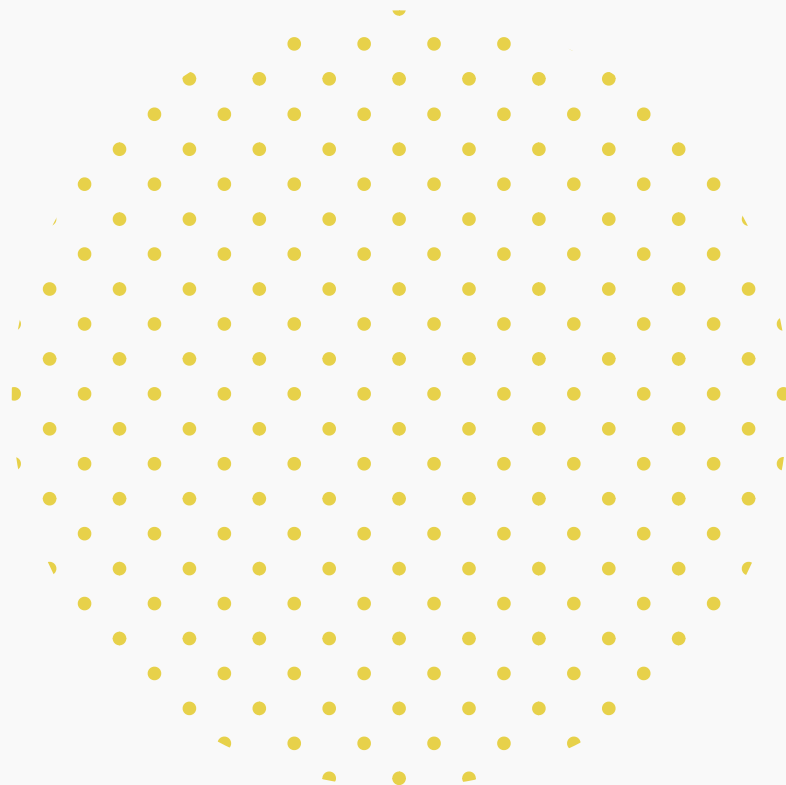
“Habitar esferas: Consideraciones sobre la existencia esferológica”

José González Ríos (Universidad de Buenos Aires/CONICET, Argentina)

15:30 Conferência 2

“La Ciudad Re-flexiva. Discursos y Prácticas Urbanas”

Rodrigo Castro Orellana (Universidad Complutense de Madrid)



DIA 03 DE JUNHO – QUINTA-FEIRA

5

Sessão 4

Habitar no Pensamento Antigo

Moderadora: Gisele Amaral

8:45 – 10:15

“A questão do hábito (ἔθος) na metafísica de Parmênides”

Viviane Veloso Pereira Rodegheri (PPGF – Universidade Federal do Rio de Janeiro)

“Astronomia e Filosofia Primeira no Livro Lambda da Metafísica”

Mariane Farias de Oliveira (Universidade de São Paulo)

Intervalo

10:30 – 12:00

“O ethos originário e as raízes numinosas do político”

Luismar Cardoso de Queiroz (Instituto Federal da Paraíba)

“Polis y Eran Veh: dos términos para designar lo habitable”

José Antonio Antón Pacheco (Facultad de filosofía, Universidad de Sevilla, España)

“O lugar da arte na habitação e na habituação humana”

Edrisi Fernandes (Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ UNESCO-Archai, Universidade de Brasília)

“Espaço como lugar de acolhimento no Timeu de Platão”

Gisele Amaral (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Sessão 5

Habitar e Filosofia Moderna

Moderador: Gilvânio Moreira

8:45 – 10:15

“A semelhança que (não) implica identidade: do hábito em David Hume à estranhalização em Viktor Chklóvski”

Eduardo Antônio Barbosa de Moura Souza (Instituto Federal de Pernambuco) e Ítalo Lins Lemos (Universidade Estadual de Maringá)

“Seres racionais na cosmotragédia kantiana”

Oscar Cavalcanti de Albuquerque Bisneto (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

“O modo de ser da genialidade: entre o habitar e o inabitual do gênio na filosofia de Schopenhauer”

Reneé Stiv Costa de Oliveira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Intervalo

10:30 – 12:00

“A vida debaixo do sol, a vida que habita em nós”: aproximações e distanciamentos entre o Livro II de O Mundo Como Vontade e Representação, de Arthur Schopenhauer, e o livro de Eclesiastes de Salomão”

Gaspar Rodrigues de Souza Neto (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

“Nietzsche e a crítica à ‘Metafísica da Linguagem’”

Joelson Silva de Araújo (PPGFIL/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

“O espanto em face à morte e sua relação com a religião e a filosofia na obra de Schopenhauer”

Pedro Damasceno Uchôas (Universidade Federal de São Carlos)

Sessão 6

Arte, Habitação e Arquitetura

Mediador: Oscar Federico Bauchwitz

8:00 – 10:15

“Sin lugar para el pensamiento”

Fernando Gilabert (Archivo Heidegger, Universidad de Sevilla, Espanha)

“¿Podré habitarte? Acerca de un pensar acogedor”

Juan José Garrido Perriñán (Universidad de Sevilla, Espanha)

“Construindo o inabitual: Heidegger e a Arquitetura”

Marilene Aduque (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

“Ecopoética arquitetônica: uma perspectiva sobre o habitar”

Maristela Moraes de Almeida (Universidade Federal de Santa Catarina)

Intervalo

10:30 – 12:00

“Habitar e desenvolvimento local”

Victor Hugo de Oliveira Marques (Universidade Católica Dom Bosco)

“O inabitual da obra de arte”

Margarete Aduque (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

“Deslocamentos no fazer artístico: entre o habitar e o caminhar”

Rafaela Jemmene (Universidade Estadual de Campinas)

14:30 Conferência 3

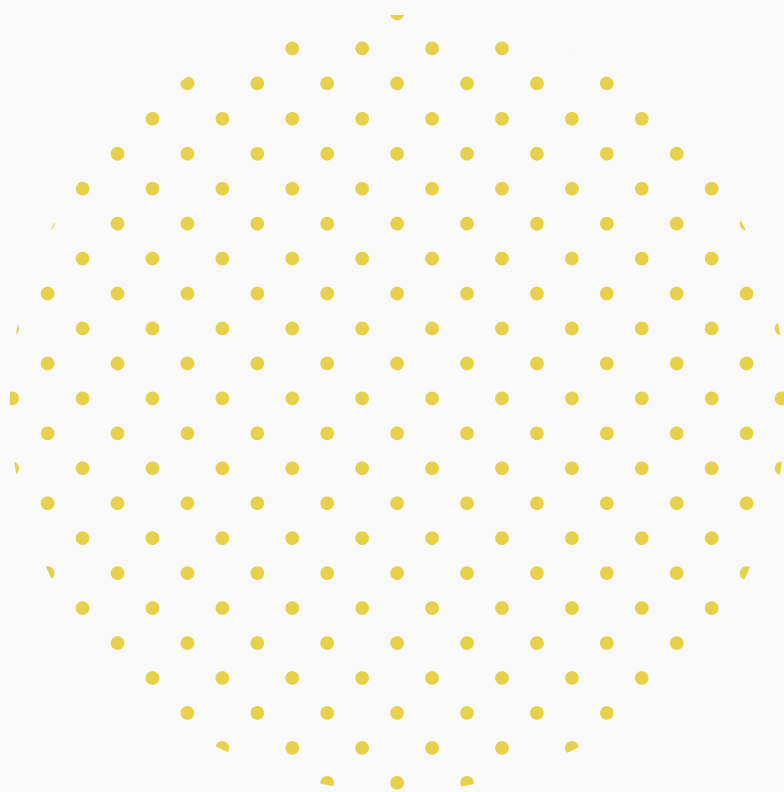
“El acogimiento del ser y el desahucio del ente ”

José Ordóñez-García (Universidad de Sevilla, Espanha)

15:30 Conferência 4

“Acerca de lo inhabitual: Margherite Porète o habitar el país de la libertad”

Claudia D’Amico (Universidad de Buenos Aires, Universidad Nacional de La Plata, CONICET, Argentina)



Sessão 7

Habitar o impossível e o Inabitual

Moderador: Oscar Federico Bauchwitz

8:45 – 12:00

“*Collatio esse in principio* no prologo ao *opus tripartitum* de Mestre Eckhart: Uma Topologia do desprendimento”

Pedro Calixto (Universidade Federal de Juiz de Fora)

“El mal y su inabitual entidad: una visión agustiniana”

Pablo Antonio Morillo Rey (Facultad de Teología “San Isidoro de Sevilla”, Sevilla, España)

“Habitar el espacio: el paseo del Dasein entre los no lugares de Foucault”

Miguel Grijalba Uche (Universidad de Valladolid, Espanha)

Sessão 8

10

Existência e Fenomenologia

Moderador: Eduardo Pellejero

8:45 – 12:00

“A Teleologia histórica e a humanidade universal em Husserl”

Leonardo de Sousa Oliveira Tavares (Universidade de Coimbra, Portugal)

“Fenomenología y metafísica en Jean-Luc Marion”

Matías Ignacio Pizzi (Universidad de Buenos Aires-Universidad Nacional Tres de Febrero-CONICET, Argentina)

“Habitar la naturaleza. Heidegger y la interpretación de los versos 41-44 de Los Titanes de Hölderlin”

Danilo Serra (Universidad de Bergamo, Itália)

“Habitando a Natureza: por uma “Pedagogia do Despertar” a partir de um diálogo com as paisagens de H. D. Thoreau”

Clodomir de Andrade (PPCIR/Universidade Federal de Juiz de Fora)

Sessão 9

Filosofia e Natureza

Moderador: Federico Sanguinetti

8:45 – 12:00

“Espacialidades do animal”

Ricardo de Oliveira Pires (Fundação Universidade de Caxias do Sul)

“Um outro habitar no pensamento ameríndio”

Leonardo Domingos Braga da Silva (PPGFIL/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

“Aliança afetiva: aproximações entre o pensamento de María Zambrano e Ailton Krenak”

Ana Paula Mendes de Oliveira (PPGFIL/UFRN) e Alexon Estevam da Fonseca (CCHLA/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

“A noção de humano e as formas do habitar no pensamento de Ailton Krenak”

Álvaro Ricardo Cruz da Silva Filho (PPGFIL/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e Laércio de Assis Lima (PPGFIL/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

14:30 Conferência 5

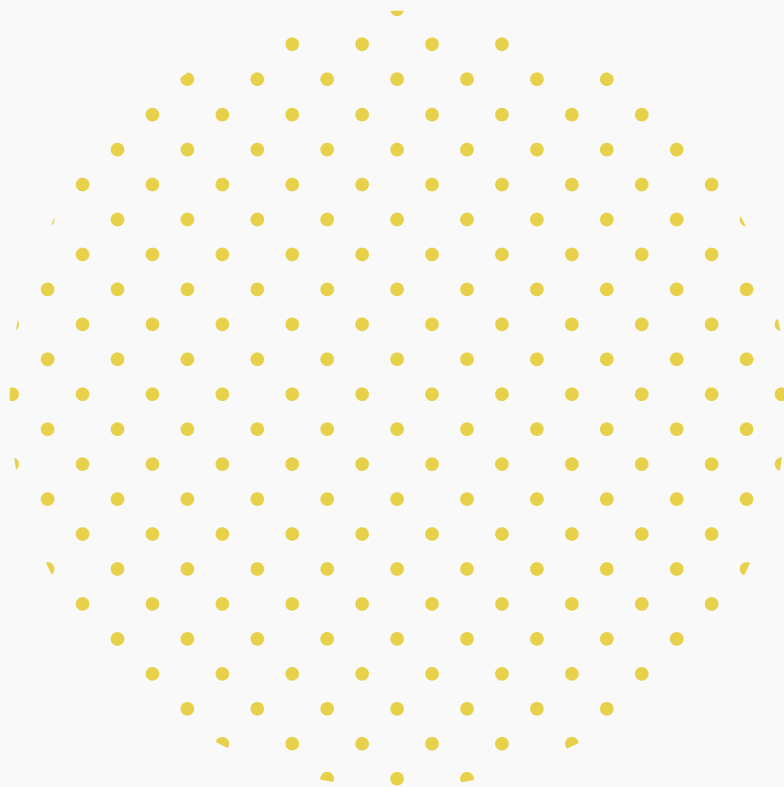
“Arquitetura do Inútil: uma olhada em Bruno Taut”

Oscar Federico Bauchwitz (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

15:30 Conferência 6

“Uma habitação convulsionada: a filosofia expulsou a natureza, a natureza encostou no mundo: reflexão breve sobre o paradigma pandêmico”

Márcio Tavares d’Amaral (Escola de Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro)







RESUMOS

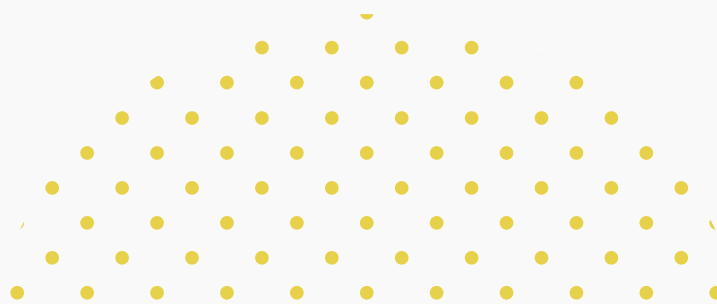
Sessão 1: Habitar e Habitação em Martin Heidegger

“O Dasein e o problema do habitar: a importância de se demorar junto as coisas”

Luana Alves de Oliveira (UFRN)

Resumo: O Dasein está no mundo e enquanto ser-no-mundo ele constrói, habita e também compreende a sua possibilidade sempre possível de não-mais-ser no mundo. Martin Heidegger é o filósofo do século XX que vai nortear nossa caminhada na busca pela compreensão do ser e do habitar. O Dasein é aquele ser que todos nós somos impessoalmente no cotidiano ser-um-com-o-outro, construímos nossas relações pré-ocupadas e ocupadas quando habitamos o mundo, habitar em Heidegger assume, um sentido temporal, de deter-se junto ou de acostumar-se a algo ou ainda num sentido de cultivar, trata-se de uma forma de proximidade que se define pela permanência junto aos entes em geral. O inabitual torna-se cada vez mais presente em nossos dias, vivemos como se fossemos “estrangeiros dentro do nosso próprio país” não conhecemos e nem pensamos mais acerca dos entes que nos rodeiam. Precisamos nos voltar para os outros entes e compreendê-los, temos que cultivar as relações, é importante também atentar para o fato de que habitar é sempre finitude.

Palavras-chave: Dasein; Habitar; Construir.



Sessão 1: Habitar e Habitação em Martin Heidegger

“O habitar e o inabitual na oposição entre o páthos da distância ou nobreza e o éthos do ponto de vista da utilidade”

Bruno Camilo de Oliveira (UFERSA)

Resumo: O objetivo deste trabalho é refletir sobre o habitual e o inabitual, tomando como base a perspectiva de Friedrich Nietzsche acerca da oposição entre o *páthos* da distância ou nobreza e o *éthos* do ponto de vista da utilidade. Para tanto, realiza-se uma análise de trechos selecionados das obras nietzschianas intituladas Genealogia da moral e Além do bem e do mal. Segundo Nietzsche, não existe *éthos*, mas somente *páthos*, sendo o *éthos*, afirmado pelo ascetismo, apenas uma estratégia, uma invenção ardilosa e mentirosa para a conservação na existência de uma forma de vida precária. É esse *éthos* que forja e fixa valores ascéticos que traçam a hierarquia do inabitual, ao inverter os valores do ponto de vista da utilidade do humano ressentido. Com base nessa perspectiva nietzschiana, busca-se refletir sobre o habitual enquanto impulso ativo que caracteriza o *páthos* da distância do tipo nobre, e o inabitual enquanto impulso reativo que caracteriza o *éthos* do ponto de vista da utilidade.

Palavras-chave: Páthos; Éthos; Nietzsche.



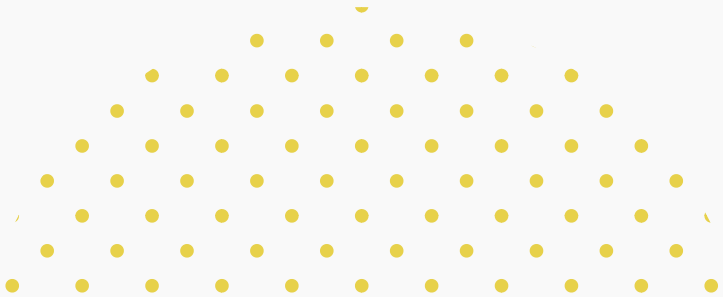
Sessão 1: Habitar e Habitação em Martin Heidegger

“Historicidade e existência: modos do ser humano habitar no mundo”

Alexandre Soares de Sousa (UFPB)

Resumo: Ser habitante no mundo é a condição e situação, exclusivas, do ser humano. Habitar, por sua vez, implica em construir, em produzir. A partir desse entendimento podemos inferir, também, que o castor constrói sua represa, os pássaros seus ninhos, as raposas constroem suas tocas, as abelhas produzem suas colmeias, etc. Esta mesmidade ocorre a milhões de anos, de maneira natural. Mas nenhum animal constrói igualmente ao modo humano de ser. Somente o ser humano constrói para habitar, que segundo Heidegger, isto se dá por ser o homem “fundador de mundo”. Por esta razão habitar, no que lhe concerne, diz respeito ao modo de ser humano, o qual está estritamente ligado à mundo. Dessa maneira o homem tem que estar-no-mundo, tem que ser “ser-no-mundo”, para pôr em prática a historicidade e existência, que constituem, ontologicamente, critérios da morada finita.

Palavras-chaves: Habitar; Ser humano; Mundo.



Sessão 1: Habitar e Habitação em Martin Heidegger

“O habitar na morada do ser: Pensar e meditar nos caminhos da linguagem”

Francisco Ramos Neves (UERN)

Resumo: O presente artigo trata da questão do pensar em sua interação com o meditar e o habitar nos cuidados com o humano em sua consumação da plenitude do ser que se encontra em sua essência. A investigação parte da Carta sobre o Humanismo e recorre a outras obras importantes de Heidegger e de alguns importantes comentadores para esclarecer a discussão. O meditar em Heidegger assume um papel preponderante como abertura para o mistério e começo de tomada de uma posição de autenticidade na busca do sentido do ser do homem. Este tema está presente em muitas obras de Heidegger e falar sobre o meditar já é um desafio que nos remete ao pensamento introspectivo sobre sua importância em nossa própria vida. Se dedicar à meditação é como o filosofar que não se presta a qualquer utilidade prática. Neste meditar liberto o homem pode atender ao “apelo silencioso do ser,” para assim poder consumir o caminho que a linguagem lhe reserva, e evitar o seu desvio ao esquecimento desta tarefa de pensar a essência do seu Ser.

Palavras-chave: Pensar; meditar; habitar.



Sessão 1: Habitar e Habitação em Martin Heidegger

“Sobre o habitar existencial”

Gilvânio Moreira (PPGFIL/UFRN)

Resumo: Objetiva-se uma discussão a respeito da constituição ontológica do ser-em e sua relação com a noção de “morada” (*wohnen*) presente em *Construir, Habitar, Pensar*, obra tardia do filósofo alemão Martin Heidegger. Em princípio, acredita-se que termos como *habitar* e *habitação* surgem como denominações “alegóricas” usadas pelo pensador para se referir aos caracteres ontológicos pertencentes à estrutura responsável pela abertura *ek-sistencial* de um ente com um modo de ser específico. Este ente, claro, não é a pedra, a natureza, muito menos Deus, mas a própria existência, que, nesse caso, é liberada pela estrutura descrita no parágrafo 12 de *Ser e Tempo* (GA 2). Aqui, diz Heidegger, ser-em [...] “significa uma constituição de ser do *Dasein* e é um existencial [...] ‘em’ deriva-se de *innan*, morar, habitar, deter-se; ‘an’ significa: estou acostumado a, habituado a, familiarizado com, cultivo de alguma coisa; possui significado de colo, no sentido de habito e diligo. O ente ao qual pertence o ser-em, nesse sentido, é o ente que eu mesmo sou” (GA 2, p. 55).

Palavras-chave: Dasein; Ontologia-fundamental; Ser-no-mundo.



Sessão 2: Pensamento e Habitação

“A *epoché* husserliana e a suspensão do hábito: do objetivismo naturalista ao Mundo da Vida”

Caio Lívio Sulpino Dantas (UFPB)

Resumo: Husserl reconhece na filosofia ocidental o fundamento da cultura europeia, apontando o modo como esta cultura colapsou em uma crise de sentido a partir da incursão do objetivismo em suas ciências. Especialmente na era moderna, o homem conheceu o mundo segundo estruturas de consciência naturalizantes, ou realistas ingênuas, em detrimento do exercício da intuição contemplativa. O objetivismo, em sua superficialidade baseada no primado da técnica sobre a *physis*, teriam causado um mal estar espiritual à subjetividade do ocidente, sendo responsabilizado por Husserl pela desunião do homem ao *mundo da vida*– conceito voltado a enunciar o caráter vivo e transcendente do mundo. Para contornar a situação, Husserl dispõe da ideia de *epoché*, ou redução fenomenológica, como mecanismo de suspensão da habitualidade do pensamento conformado ao naturalismo. Buscamos, neste trabalho, discutir de que modo a prática da *epoché* é capaz de reconectar o homem à morada do *mundo da vida*.

Palavras-chave: Husserl; *epoché*; mundo da vida.

Sessão 2: Pensamento e Habitação

“Habitar o monstruoso - Sloterdijk e as espumas contemporâneas”

Alan Campos e Camila Pordeus (PPGCOM/UFPE)

Resumo: A partir da metafísica heideggeriana, Peter Sloterdijk desenvolve na trilogia Esferas a ideia do ser-na-esfera afirma a aptidão natural para a expansão das esferas internas nos espaços geográficos como sistemas de co-habitação. Nesse aspecto, “ser-na-esfera” desvela o entendimento do ser a partir de onde ele domicilia-se. A experiência do homem no "exterior" seria um caos para sua sobrevivência enquanto espécie se ele não soubesse construir sistemas de “proteção” íntimos - mundos - em oposição ao que é externo e que está “fora” – Monstruoso. Sloterdijk aponta que os sistemas religiosos eram indispensáveis para a criação das comunidades como macro-esferas, metafísicas possíveis e partilhadas. Contudo, com o advento da modernidade, o autor afirma uma nova situação para as esferas a partir da invasão do “exterior”, em consequência da pergunta “onde estamos quando estamos no monstruoso?”. Portanto, a proposta deste trabalho consiste em expor o lugar das esferas enquanto habitações frágeis no contemporâneo.

Palavras-chave: Esferas; Modernidade; Sloterdijk.



Sessão 2: Pensamento e Habitação

“A simplicidade rústica do habitar japonês”

Luiz Fontes-Teixeira (UNIFESP)

Resumo: O conceito de *wabi-sabi* 侘寂 representa um dos modos pelos quais a cultura japonesa compreende a experiência estética da impermanência. Nesse sentido, *wabi-sabi* 侘寂 envolve não apenas o ajuizamento de gosto das obras de arte, mas também a forma pela qual o habitar abarca o mistério do inabitual inerente a simplicidade da existência cotidiana. É justamente a ideia de simplicidade (*wabi* 侘) que promove a equanimidade necessária a consciência da inevitável passagem do tempo, isto e, da solitária quietude do envelhecimento (*sabi* 寂). Com isso em mente, este trabalho busca contribuir com a discussão sobre “o habitar e o inabitual” abordando a construção do conceito de *wabi-sabi* 侘寂 a partir da singularidade sincrética entre a cultura japonesa, as filosofias chinesas clássicas e o Budismo *Mahāyāna*. A hipótese central é a de que a estética japonesa responde ao habitar e ao inabitual por meio da aceitação da imperfeição da natureza – o que pode ser observado analisando, principalmente, a configuração dos jardins japoneses (*nihon teien* 日本庭園), a arte do arranjo de flores (*ikebana* 生け花) e a arquitetura japonesa (*nihon kenchiku* 日本建築) dos templos (*dera* 寺) e das tradicionais salas de chá (*chashitsu* 茶室).

Palavras-chave: Estética Japonesa; Habitar; *Wabi-sabi*.

Sessão 2: Pensamento e Habitação

“O digital como modo inabitual de habitação: Uma análise do virtual em Flusser a partir dos conceitos de não-coisa e imaterialidade”

Bruno Lemos Hinrichsen (Universidade de Coimbra)

Resumo: O problema do habitar é, em geral, formulado a partir de uma noção quer espiritualizada quer materializada. Habita-se a interioridade do eu – a consciência; ou habita-se a exterioridade da terra, da casa. Muito sobre esse fazer morada foi analisado por Heidegger ao longo de sua obra – tanto em *Ser e Tempo* quanto no que concerne ao habitar poético. Entretanto, algo como um habitar inabitual do virtual ou do digital não é levado em consideração, mesmo em *A questão da técnica*, de 1953. Quais outras formas de habitar são experimentadas desde que o mundo passou a se configurar a partir do desenvolvimento tecnológico que culmina na computação e na cibernética? Um caminho é dado pelo filósofo Vilém Flusser, quando pensa os conceitos de não-coisa e de imaterialidade, como noções não articuladas com o par matéria e forma/espírito. Ambos os conceitos apontam para o tipo de realidade próprio dos “objetos digitais”. Propõe-se, então, com a análise desses dois conceitos, pensar uma habitação digital, um modo de habitar imaterialmente constituído como não-coisa. De certo modo, um habitar inabitual: digital.

Palavras-chave: Habitar; Tecnologia; Virtualidade.



Sessão 3: Arte e Filosofia

“Clarice Lispector: sobre o caráter inabitual da vida”

Cicero Cunha Bezerra (UFS/CNPq)

Resumo: É com um grito/canto de aleluia, descrito como felicidade diabólica, que a protagonista do texto de *Água viva* inicia sua travessia escriturária em direção a uma experiência que tem como desejo alcançar o “é” da coisa. Tarefa árdua que exige raciocínio, mas também trata com o interdito. No confronto entre o tempo, definido como instante-já, e o fluxo dos acontecimentos a alegria faz aparição em forma de amor que, como o tempo, também é impessoal e, por essa razão, a aleluia é um “canto de ninguém”. Temos assim, desde o primeiro parágrafo do romance, o tom da impessoalidade, comum à obra clariciana, que une narradora e mundo e que faz do texto um testemunho do mistério que caracteriza a escrita e a pintura como um exercício de abstração, no sentido de *abstrahĕre*, isto é, dispensar ou separar a representação do que não é representável. Habitar, nesse sentido, traz todo o peso de uma inabitualidade que remete, pelo pensar, ao que está no âmbito do pré-pensamento e que, portanto, exige um mergulho nas raízes incomensuráveis vida.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Habitar; Mística.



Sessão 3: Arte e Filosofia

“El filo del exilio: morar en el misterio según Martin Heidegger”

Saulo Alvarado Martinsanz (UNED)

Resumen: Lo misterioso y, por ende, lo distinto, lo otro, son conceptos que han florecido, en el pensamiento filosófico contemporáneo. Poder delimitar lo que se mienta con estos conceptos ha cobrado una importancia extraordinaria en el último año (crisis sanitaria, crisis climática, crisis de refugiados). Se torna necesario estudiar las tensiones que se generan entre lo familiar y lo misterioso; el arraigo y el desarraigo; la presencia y la ausencia; el interior y el exterior; entre cultura y naturaleza. Esta ponencia, inspirada por las obras de Martin Heidegger, Tonino Griffiero y Dylan Trigg, entre otros; pretende reflexionar sobre lo misterioso, desde una perspectiva hermenéutica centrada en el concepto de *atmósfera*. En definitiva, busca preguntarse por las condiciones de posibilidad de un habitar/morar el espacio olvidado por la ciencia, el *espacio vivido*, que tenga una profunda repercusión ecológica y social.

Palabras clave: ambientes misteriosos; morar; exilio.



Sessão 3: Arte e Filosofia

“La “divinización” contemporánea de los individuos humanos. Una mirada metafísica al problema del habitar en comunidad”

Horacio A. Gianneschi (Universidad Nacional de San Martín - Argentina)

Resumen: La presente propuesta intenta abordar, desde un punto de vista metafísico, el núcleo de las condiciones de posibilidad/imposibilidad de habitar hoy una comunidad humana. Aspira a mostrar –valiéndose incluso de autores más bien tenidos por literarios que por filosóficos: A. Machado, J. L. Borges, etc.– que lo que en la época actual parece haberse decidido poner como fundamento último es, en cada caso, cada uno de los individuos humanos, en cuanto individuos. Esta *fragmentación o atomización* de aquel *hypokeimenon* internalizado y convertido desde los inicios de la modernidad en un único sujeto-fundamento puede verse –a la luz de la peculiar interpretación platónica de la tesis protagórica del *homo mensura*– como una suerte de “divinización” de cada uno de los individuos humanos: no parece, en efecto, haber hoy más que “sabidurías propias” (cf. Heráclito, DK 22 B 2). La comunidad humana, en este contexto, parece configurarse como una de las otredades en detrimento de las cuales el individuo humano se vería privilegiado de manera absoluta.

Palabras clave: “Divinización” del individuo; Otredad; Comunidad.



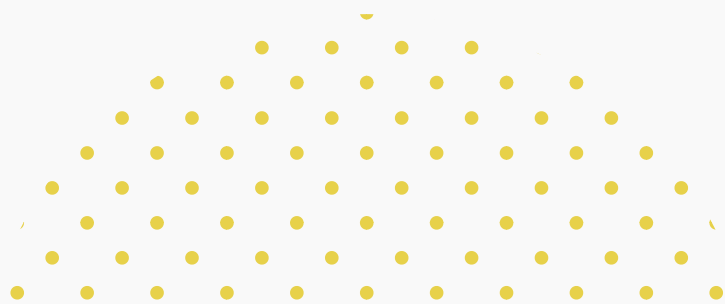
Sessão 3: Arte e Filosofia

"Contingência, solidão, interrupção: Conceitos para encarar um tempo com o qual não contávamos"

Eduardo Pellejero (UFRN)

Resumo: A contingência radical sobre a qual paira a nossa existência não se manifesta apenas no acontecimento de sermos lançados no mundo, mas nos assalta continuamente sob as formas mais imprevisíveis, obrigando-nos a revisar os conceitos através dos quais damos significação à nossa vida e sentido à história. E, quando a interrupção das estruturas da experiência e do pensamento ganham contornos comuns, tornando estranho tudo o que nos era familiar, somos obrigados a reconsiderar o alcance e o sentido da nossa finitude, recolocando o problema e a tarefa de habitar num mundo do qual não temos a chave.

Palavras-chave: Contingência; interrupção; solidão.



Sessão 3: Arte e Filosofia

“¿Qué es lo Queer dentro de la Teoría Queer? Indagaciones de una metafísica de la indeterminación absoluta”

Daniel Alberto Sicerone (CONICET/Instituto de Filosofía Dr. Alejandro Korn)

Resumen: La irrupción de la *Teoría Queer* como mediante la academización de las discusiones y teorizaciones que ocurrieron en las décadas anteriores de los años noventa trajo consigo la formulación de lo queer como una categoría de indeterminación absoluta. Este significante de difícil traducción tiene su historia propia, sus desplazamientos semánticos y su constitución en una categoría vacía de la industria cultural, como afirmó De Lauretis, filósofa italiana que ingresa en la academia el nombre de *Teoría Queer*. De esta forma, el objetivo de la presente ponencia es indagar sobre el carácter metafísico de lo Queer como una indeterminación absoluta, dado que sus principales teóricos encuentran en dicho significante una suerte de resto metafísico que obtura toda posible totalización. Nuestra hipótesis de trabajo es que lo *Queer* como indeterminación absoluta instala una diferencia irreflexiva que termina por culturalizar la diferencia sexual, logrando de esta forma reducir esta diferencia al orden simbólico, como si fuera el efecto de determinados dispositivos de poder.

Palabras clave: Teoría Queer; metafísica; diferencia sexual.



Sessão 3: Arte e Filosofia

“O problema ontológico da dança”

Robson Farias Gomes (PPGμ/UnB)

Resumo: Esta pesquisa consiste em um empreendimento teórico-cênico acerca das interrelações entre o pensamento-fazer da Teoria da Dança Imanente (TDI) e o pensamento filosófico de Deleuze e Guattari no que concerne à problemática ontológica a partir do corpo que performa. A TDI, criada sob influência do pensamento francês contemporâneo, sugere uma performance artística em movimento na qual o corpo dialoga consigo para criar uma dança própria, pessoal e subjetiva. No entanto, a partir de estudos teórico-práticos objetivo apontar os conflitos e imprecisões identitárias daquele que performa, destacando os processos de diluição e des-re-subjetivação do sujeito em uma crítica à representação em dança a partir do próprio pensamento deleuzo-guattariano e das contínuas reinvenções de si no ato artístico-performado. Assim, pretendo defender a tese ontoperformativa de que aquele que performa e devém-obra possui características tanto pessoais, como pensa a TDI, quanto im-pré-pessoais e singulares, como sugerem os filósofos franceses.

Palavras-chave: Imanência; Deleuze e Guattari; Dança Imanente.



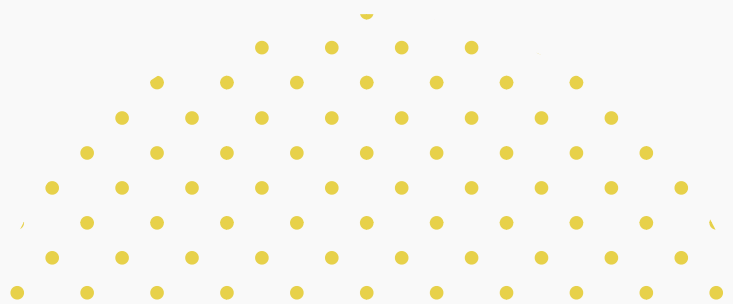
Sessão 3: Arte e Filosofia

“O ser-em-obra como o meio do ser e do agir”

Simone T. Vedana (UCS)

Resumo: A doutrina da subjetividade poderia ter sido possível no lugar lógico do *habitus*, como o ponto em que uma subjetividade se torna senhora do ser, em que o ter o ser se apropria do mesmo. A relação do hábito com “aquele que tem quilo que é tido” faz do sujeito o senhor do que não se pode ter. A *aretè* enquanto *hexis* é um hábito do ato a potência. O hábito é uma categoria ontológica em transformação do ser cindido em potência e ato que representa uma ambiguidade pela definição em que a virtude é o modo de ser de um sujeito e uma qualidade de sua ação que pode ser, práxis, hábito e *energeia*. O ser-em-obra repassa continuamente a energia à potência e equilibra as oposições potência e ato, matéria e forma, ser e agir, vigília e sono sem a necessidade de acréscimos para tornar-se operativo sem perder sua qualidade de virtude e sem representar um caráter como próprio para alguém ou algo ou como ações virtuosas. A virtude é um uso que perpassa o meio do ser e do agir.

Palavras-chave: héxis; aretè; práxis.



Sessão 3: Arte e Filosofia

“Avistamento: quando o extraordinário se perde de vista”

Sofia P. Bauchwitz (UFPEL)

Resumo: Este trabalho tenta se aproximar da experiência do extraordinário nas práticas artísticas contemporâneas, tanto em relação às obras de arte que possuem um certo caráter apofático, quanto em relação a um método inerente ao processo criativo da contemporaneidade, que abraça o fracasso, o inacabado, o quase-ver. O ponto de partida do texto é a nossa pesquisa em arte sobre a baleia, mamífero migratório que circula no imaginário humano tanto como casa quanto como monstro. O termo avistamento, usado na navegação marítima para indicar a visão de algo, terra ou animal, é desenvolvido aqui para explicar uma experiência cada vez mais inabitual na nossa sociedade. Um avistamento é antes o conjunto de possibilidades imaginais de um todo inalcançável, que a comprovação de uma realidade tangível. Este entendimento pode ser melhor compreendido a partir da análise de obras de arte do movimento americano conhecido como *land art* e outras aproximações de arte-natureza desde a arte conceitual contemporânea.

Palavras-chave: avistamento; extraordinário; land-art.



02 DE JUNHO – QUARTA-FEIRA



Conferências

“

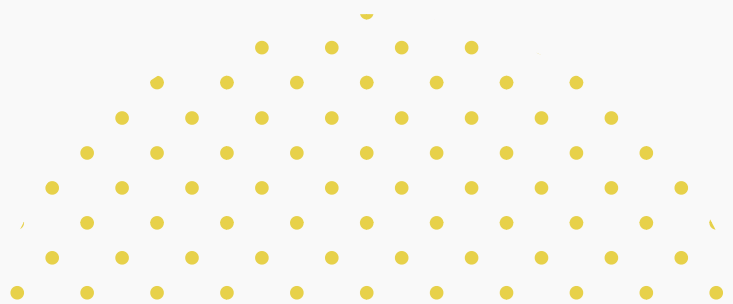
Conferência 1

“Habitar esferas: Consideraciones sobre la existencia esferológica”

José González Ríos (Universidad de Buenos Aires)

Resumen: En un ambicioso Proyecto, Peter Sloterdijk buscó comprender la cultura occidental a la luz de una teoría de las esferas o esferología, que presentó en los tres volúmenes de *Sphären* (articulados en una microesferología en *Blasen* 1998; una macroesferología en *Globen* 1999 y una esferología plural en *Schäume* 2004). Al ofrecer su definición de “esfera”, sostiene él que, ante todo, las esferas expresan formas de vida, que no hay vida fuera de las esferas, es más, que todas las cosas habitan en y como esferas. En el segundo volumen, *Globen*, Sloterdijk propone una historia de la metafísica occidental, más exactamente una metafísica de la esfera o macroesferología. En ella estudia las diversas formas de entender la “mono-esfera” (globo integral o unidad del todo) desde las doctrinas antiguas del ser como forma esférica hasta el proceso contemporáneo de globalización. A la luz de este Proyecto, la intención de nuestro trabajo es mostrar la historicidad de la imagen de la esfera, que pasó primero del ámbito teológico al cosmológico, expresando un universo infinito, luego del ámbito cosmológico al antropológico, para simbolizar un sujeto absoluto durante el romanticismo y el idealismo especulativo, hasta finalmente explotar y devenir en espumas en el mundo contemporáneo. Nuestra intención es mostrar los distintos desplazamientos que este proceso implica en los modos de habitar esferas en la historia de la metafísica occidental.

Palabras clave: Metafísica; teoría de las esferas; neoplatonismo.



Conferência 2

“La Ciudad Re-flexiva. Discursos y Prácticas Urbanas”

Rodrigo Castro Orellana (Universidad Complutense de Madrid)

Resumen: Se estudia la trayectoria cotidiana del transeúnte en la ciudad contemporánea, del ciudadano que camina por la ciudad y cada día repite una misma ruta. Para dicho análisis se contraponen el espacio del domicilio y el lugar del trabajo. La casa sería el territorio de la plena disponibilidad, donde se reafirma “mi” yo, y desde donde se constituye el sujeto-ciudadano. En este ámbito, la disponibilidad es para uno mismo, mientras que, en el lugar de trabajo, la disponibilidad es para el otro. El camino que se recorre entre ambos ámbitos es el que se vive en espacio abierto de la calle. Por tanto el domicilio, el trabajo y la calle representan tres ejes de un movimiento re-flexivo que podría servir para caracterizar la experiencia común de los ciudadanos. Pero este tránsito cotidiano de la urbe que permite establecer conexiones entre los diferentes espacios que habitamos se ha visto impugnado por una racionalidad urbanística que aborrece el entramado desorganizado de las calles (Le Corbusier). Pero también está en peligro de extinción, como consecuencia de un primado de las lógicas neoliberales del mercado y el consumo. De hecho, en el presente asistimos al creciente desuso de un habitar de lo público como espacio de encuentro intersubjetivo.

Palabras clave: ciudad re-flexiva; caminar, ciudadanos.



Sessão 4: Habitar no Pensamento Antigo

“A questão do hábito (ἔθος) na metafísica de Parmênides”

Viviane Veloso Pereira Rodegheri (PPGF – UFRJ)

Resumo: a metafísica de Parmênides tende a ser mais associada a questões interpretativas específicas extraídas de determinadas passagens do poema que se atribui ao filósofo, como a investigação do ser e do não-ser e sua oposição lógica, os aspectos epistemológicos da exposição, as nuances mitológicas do proêmio, etc. Contudo, faz-se mister aludir a um tópico extremamente relevante que demanda mais acuradas investigações: a questão do hábito (ἔθος), apresentada sobretudo em DK 28 B 7,3, e como o mesmo impacta diretamente a metafísica parmenídea. Por que o mortal parece apresentar tanta dificuldade de se desvencilhar da credibilidade a que os dados adquiridos através dos sentidos inclinam os indivíduos? De que maneira o aprendizado a respeito destes elementos pode contribuir para que o mortal não apenas escolha adequadamente o melhor e único caminho possível mas, também, nele permaneça, apesar dos desafios que a experiência e sua respectiva frequência lhe impõem? O presente trabalho é empreendido com o fito de examinar de forma mais pormenorizada tais pontos.

Palavras-chave: hábito; ser; Parmênides.



Sessão 4: Habitar no Pensamento Antigo

“Astronomia e Filosofia Primeira no Livro Lambda da Metafísica”

Mariane Farias de Oliveira (USP)

Resumo: No livro Lambda (XII) da Metafísica, Aristóteles tenta explicar o movimento e a existência das substâncias sublunares (caps. 1-6) postulando a existência de um Primeiro Motor Imóvel, sua conhecida teologia, fundando assim uma espécie de teologia com características bem diferentes das atuais, com um “deus” despersonificado e com falta de volição e intenção quanto ao mundo – é o mundo que se movimenta em relação a ele, que por sua vez possui um movimento perfeito e autocentrado. Para explicar como pode haver uma relação entre essa substância primeira e o mundo sublunar, é preciso considerar elos entre esses dois domínios do mundo: são os astros, planetas, estrelas, esferas etc. Com o objetivo de tratar das esferas intermediárias (retrógradas), Aristóteles propõe o desenvolvimento da teoria de Eudoxo, que permite explicar o movimento dos corpos celestes e o funcionamento dos motores imóveis em relação ao Primeiro Motor. Para isso, em Metafísica Lambda 8, o filósofo afirma que a ciência que deve abordar essas questões é a astronomia. Nosso objetivo é traçar os caminhos para compreender como uma ciência matemática pode explicar, ou ajudar, o conceito mais fundamental da filosofia aristotélica (ao lado da substância).

Palavras-chave: Aristóteles; Metafísica Lambda; astronomia.



Sessão 4: Habitar no Pensamento Antigo

“O ethos originário e as raízes numinosas do político”

Luismar Cardoso de Queiroz (IFPB)

Resumo: Em nosso artigo buscaremos demonstrar o modo como os poderes civilizatórios constitutivos do ente humano encontram-se historicamente destinados e ontologicamente nutridos pelo enraizamento do ser-aí na esfera numinosa do ser. A problemática que orienta, pois, o desenvolvimento deste trabalho formula-se na questão: *De que modo a de-generação político-cultural de um povo histórico determina-se pela intensificação do distanciamento do homem em relação ao seu ἦθος [ethos] originário?* Demonstraremos que as convulsões do mundo histórico manifestam onticamente os sismos profundos que se dão na dimensão do ser-aí existente no jogo mesmo de suas relações com o ser. Sob o fio da compreensão ontológico-existencial do modo grego de pensar, veremos que a fidelidade do pensamento à urgência política de uma época não se dá primordialmente pela via do onticamente político, mas, pela meditação originária da essência do político no extraordinário espaço de jogo do αἰών [aion] do ser.

Palavras-chave: Político; Ethos; Ser.



Sessão 4: Habitar no Pensamento Antigo

“Polis y Eran Veh: dos términos para designar lo habitable”

José Antonio Antón Pacheco (Facultad de Filosofía, Universidad de Sevilla - España)

Resumen: *Polis* y *Eran Veh* (literalmente, el Buen Irán) son dos nociones de la Grecia arcaica y del mundo iranio respectivamente, que designan la acción metafísica del habitar una morada, del residir firmemente en un lugar. Un análisis de estas palabras nos muestra cómo no responden originariamente a conceptos políticos sino a realidades de orden ontológico. Relacionar estos dos términos con otras palabras del fundamento (*êzos, Díke, Nómos, Den, jorrah...*) iluminará su significado profundo. La misma noción aristotélica de *tópos* tiene que ver con lo anterior.

Palabras clave: Polis; Eran Veh; morada.



Sessão 4: Habitar no Pensamento Antigo

“O lugar da arte na habitação humana e na habituação humana”

Edrisi Fernandes (UFRN/UNESCO-Archai, UnB)

Resumo: Recuo provocativamente até o “seixo de muitas faces de Makapansgat”, África do Sul (idade estimada de 3 milhões de anos; época do Australopithecus), percorrendo a partir daí achados e etapas significativas, como os artefatos de Tam Tam, Marrocos (idade estimada > 280.000 antes do presente [AP]) e Berekhat Ram, nas Colinas de Golã, Síria/Israel (idade estimada 250-280.000 AP; época do Homo heidelbergensis), os mais antigos padrões decorativos conhecidos, como aqueles em ziguezague das cavernas de Blombos, África do Sul (77.000 AP; Homo sapiens) e aqueles em curvas tipo arco-íris e linhas paralelas de Quneitra, Colinas de Golã, Síria/Israel (54.000 AP; Homo neanderthalensis), e o mais antigo exemplo conhecido de arte representacional em Leang Tedongnge, ilhas Célebes (Sulawesi), Indonésia (idade mínima de 45.500 anos; Homo sapiens). Numa abordagem antropológica e filosófica, trato da presuntiva função da arte nos processos de hominização (desanimalização) e humanização, perguntando sobre quando, onde, como e porque a arte teria surgido, e como se relaciona à técnica.

Palavras-chave: Arte; evolução; hominização.

Sessão 4: Habitar no Pensamento Antigo

“Espaço como lugar de acolhimento no *Timeu* de Platão”

Gisele Amaral (UFRN)

Resumo: No esquema metafísico platônico, todo particular sensível é limitado quanto ao tempo, pois não desfruta da eternidade plena e, também, quanto ao espaço, porque precisa acomodar sua constituição corpórea em algum lugar enquanto durar a sua vigência. Platão entende os sensíveis particulares como exemplos formais, apresentados na cosmologia do *Timeu* como imitações de modelos ideais. Porém, para explicar onde os sensíveis particulares estão, é necessário consentir que tenham certa extensão espacial. Por isso, é neste mesmo diálogo onde vamos encontrar algumas pistas sobre como Platão elaborou uma concepção maleável de lugar, expressa através da noção de ‘receptáculo’, por ele descrito como um terceiro gênero ao lado das ideias e de suas imitações. O presente trabalho tem como objetivo explorar a natureza do ‘receptáculo’ como lugar de acolhimento e habitação do *kosmos aisthetikos* e entender de que modo é possível perceber esse lugar, tendo em vista se tratar de uma espécie invisível e descrita pelo próprio Platão como algo de difícil compreensão.

Palavras-chave: lugar (χωρα); receptáculo; *Timeu*.



Sessão 5: Habitar e Filosofia Moderna

“A semelhança que (não) implica identidade: do hábito em David Hume à estranhalização em Viktor Chklóvski”

Eduardo Antônio Barbosa de Moura Souza (IFPE)

Italo Lins Lemos (UEM)

Resumo: De acordo com a perspectiva de David Hume, o hábito é o grande guia da vida humana. Afinal, até mesmo as crenças nas relações de causa e efeito são oriundas de uma inferência habitual da nossa imaginação que, através das conjunções constantes, leva-nos a confundir a semelhança entre objetos/eventos correlacionados com a identidade entre objetos/eventos necessariamente conectados. Não obstante, segundo Viktor Chklóvski, tal percepção automatizada (“habitual”) dos objetos/eventos nos levaria a ignorar a singularidade do mundo; ou, como nas palavras de Leon Tolstói, transmitiria-nos a sensação de que “a vida se esvai como se não tivéssemos existido”. Assim, a partir da tese humeana de que o hábito é uma condição de possibilidade para a manutenção da vida humana, analisaremos como Chklóvski argumenta que o processo de ‘estranhalização’ (*ostranênie*) associado ao discurso poético, para além da perduração no mundo, permite-nos retomar a sensação de vida, aumentar a duração da percepção dos objetos e liberá-los do automatismo perceptivo.

Palavras-chave: Hábito; Estranhalização; Metafísica.



Sessão 5: Habitar e Filosofia Moderna

“Seres racionais na cosmotragédia kantiana”

Oscar Cavalcanti de Albuquerque Bisneto (UFRN)

Resumo: O papel central que o homem ocupa na economia interna do sistema transcendental kantiano, quer seja do ponto de vista da epistemologia, quer seja do mais amplo da moralidade, sempre constituiu uma espécie de lugar comum, algo como um princípio autoevidente. Acontece, porém, que numa obra um tanto negligenciada, *Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels* (1755), Kant, além de apresentar uma teoria cosmológica, na qual encontramos uma descrição da estrutura mesma do universo, e ao mesmo tempo cosmogônica, em que ele descreve o processo de criação de todo o edifício do mundo, deparamo-nos também com um pequeno capítulo em que fica devidamente claro o caráter não *antropocêntrico* não apenas da fase juvenil, mas também de todas as fases posteriores do filósofo de Königsberg. Com base nisso, nosso trabalho almeja mostrar apenas o fato de que, como para Kant a espécie humana sob hipótese alguma esgota o conceito mais amplo de *racionalidade*, há forçosamente outros tantos seres racionais espalhados pelo nosso infinito universo.

Palavras-chave: Antropocentrismo; Cosmotragédia; Seres-rationais.



Sessão 5: Habitar e Filosofia Moderna

“O modo de ser da genialidade: entre o habitar e o inabitual do gênio na filosofia de Schopenhauer”

Reneé Stiv Costa de Oliveira (UFRN)

Resumo: o presente trabalho se propõe a analisar o modo de ser do gênio, na filosofia de Schopenhauer, e como ele habita o mundo, levando-se consideração a sua inabitualidade, na sua condição de genialidade (“olho cósmico”). Isso porque, como é sabido, o conhecimento humano, para Schopenhauer é predicado em uma perspectiva de relações, sendo um conhecimento que está a serviço da vontade. Com efeito, para Schopenhauer o gênio é um acontecimento excepcional, uma vez que é qualificado como sujeito puro do conhecimento, pois há uma proeminência do conhecer genial sobre a vontade, sendo um conhecer límpido da essência do mundo, de modo que na contemplação das ideias o gênio e ela, tornam-se um só objetivamente. Por essa razão, o gênio é incomum e não encontra, na cotidianidade, conforto no mundo, sendo um indivíduo que seu conhecimento não está disposto no princípio de razão, o que levaria o homem comum à prudência, mas, ao contrário, uma vez estando na condição do gênio não há prudência na sua relação com o mundo.

Palavras-chave: Vontade; Gênio; Inabitual



Sessão 5: Habitar e Filosofia Moderna

“A vida debaixo do sol, a vida que habita em nós”: aproximações e distanciamentos entre o Livro II de O Mundo Como Vontade e Representação, de Arthur Schopenhauer, e o livro de Eclesiastes de Salomão”

Gaspar Rodrigues de Souza Neto (UFRN)

Resumo: Arthur Schopenhauer (1788 – 1860), conhecido como um “filósofo pessimista”, representado nas pinturas carrancudas do cartunista e poeta Wilhelm Busch (1832–1908). Também na tradição judaica antiga, um “livro estranho” (CAMPO, 1990) se destaca por sua agudeza e sinceridade em tratar cruamente de temas tão delicados ao ser humano: Eclesiastes. Tal como em Schopenhauer, com “reflexão em primeira pessoa”, também Eclesiastes tece uma crítica ácida a aqueles que acreditam ter conhecidos as profundezas dos acontecimentos do mundo (8.17). Na análise entre dois autores, que tratam de temas comuns às grandes questões da existência, nos deparamos com aproximações e distanciamentos acerca desses mesmos temas. Ambos os autores, por força de seus sistemas, apresentam concepções de mundo que resultam em quase idênticas: a vida debaixo do sol é onde habitam as dores do mundo. É o que se pretende apresentar nessa comunicação.

Palavras-chave: Pessimismo; Metafísica; Dores do mundo.

Sessão 5: Habitar e Filosofia Moderna

“Nietzsche e a crítica à ‘Metafísica da Linguagem’”

Joelson Silva de Araújo (PPGFIL/ UFRN)

Resumo: A crítica nietzschiana à linguagem metafísica se estrutura, principalmente, a partir de Parmênides de Eleia, filósofo pré-socrático, autor do poema Sobre a natureza, no qual defende a teoria do Ser. O objetivo aqui é entender a crítica de Nietzsche à linguagem metafísica, situando-a na análise do pensamento desse que é considerado um dos fundadores da metafísica ocidental. O primeiro a tentar desvelar o “fundamento” de todas as coisas, a postular a crença na correspondência entre ser e pensar, pensamento e linguagem e na oposição de conceitos. Para Nietzsche não existe correspondência entre ser e pensar, a linguagem representa uma série de metáforas e antropomorfismos que, ao contrário do que defende Parmênides, foram historicamente transformados em conceitos. Todas essas falsas crenças postuladas na teoria do Ser derivam dos efeitos a-históricos da linguagem e da mumificação dos conceitos que passa, sobretudo, pelo âmbito moral.

Palavras-chave: Linguagem metafísica; Metáfora; Conceito.



Sessão 5: Habitar e Filosofia Moderna

“O espanto em face à morte e sua relação com a religião e a filosofia na obra de Schopenhauer”

Pedro Damasceno Uchôas (UFSCar)

Resumo: Em *O mundo como vontade e representação*, Schopenhauer reflete sobre o ponto de partida do filosofar e aquilo que motiva o ser humano a se questionar sobre sua própria natureza e sobre o mundo. Em geral, o autor identifica a motivação como sendo um espanto diante da realidade e do lugar nela ocupado pelos seres vivos, que se deixa resumir na noção de que toda vida no mundo já traz consigo a morte e a aniquilação, sobretudo se se observar a natureza e a disputa mortal constante aliada à vida. Diante disso, o ser humano se vê a si mesmo em uma situação inexplicável e “espantosa” em face à sua morte e aniquilação inevitáveis. Este trabalho tem por objetivo apresentar o sentido em que o habitar um mundo de tal natureza se faz contraditório e nas soluções que Schopenhauer indica serem em geral utilizadas para esse problema, praticadas entre todos como religiões ou filosofias, ambos direcionados à formulação de explicações para o mundo e para o sentido da vida nele.

Palavras-chave: Schopenhauer; Morte; Mundo.



Sessão 6: Arte, Habitação e Arquitetura

“Sin lugar para el pensamiento”

Fernando Gilabert (Universidad de Sevilla - Archivo Heidegger)

Resumen: Siguiendo la filosofía desplegada en la obra de Martin Heidegger, podemos establecer que el pensamiento carece de algo así como un techo bajo el que acogerse, que más bien la reflexión parte del nomadismo. Tales ideas parten de que es precisamente la extrañeza de lo que se presenta como hogar y como lo familiar lo que empuja a filosofar. Podría parecer que este nomadismo, esta ser errante por la tierra de hierro puede deberse al ser expulsado de un paraíso al que, de algún modo, se pretendiera tratar de volver, de retomar el hilo de Ariadna y no perdernos en el laberinto propio de la vida. Pero estos mitos caen con el pensamiento de Heidegger, para quien no hay salvación ni retorno al hogar. La cuestión del habitar puede situarse en torno al buscar un lugar en el que estar a salvo, y sin embargo, como hemos señalado, no hay salvación.

Palabras Clave: Heidegger; nomadismo; salvación.



Sessão 6: Arte, Habitação e Arquitetura

“¿Podré habitarte? Acerca de un pensar acogedor”

Juan José Garrido Periñán (Universidad de Sevilla)

Resumen: La pregunta es retórica, se erige torcida, entre un sí y un no. ¿Podré habitarte? Podré habitarte significa habitarme, habitarle, habitarlo. Comprender, dejar-ser, hospedar lo insoportable. Aprovechando lo que llamaría una vocación fenomenológica del pensar, y recordando pasajes de la obra del filósofo alemán Martin Heidegger, me propondré abrir horizontes interrogativos acerca de la cuestión acerca del habitar, sus límites, y cómo, casi desde el principio, el motu heideggeriano por el filosofar se comprendió dentro de las posibilidades de un pensamiento acogedor, a una con el acontecer de las cosas. La meta de un pensar acogedor pende de un hilo, tan frágil y escuálido aparentemente, en la medida que busca conservar y proteger un ámbito por el que sea soberano el imperar del ser, abierto como physis, o simplemente como una petición afectiva inhóspita. Y todo esto, como espero mostrar, sin olvidar la insuperable finitud de un aparecer o acontecer, que depende un poeta, o un ciudadano de a pie, con su vida y sus quehaceres. ¿Podré habitarte?

Palabras clave: Habitar; Hospitalidad; Ser.



Sessão 6: Arte, Habitação e Arquitetura

“Construindo o inabitual: Hedeigger e a Arquitetura”

Marilene Aduque (UFRN)

Resumo: Considerando que a nossa existência é, sobretudo, habitação, habitar significa para o pensamento heideggeriano “estar-no-mundo”, “ser-no-mundo”. Habitar é o nosso modo de ser. Habitar também significa estar habituado, estar familiarizado. E, de modo elevado, habitar também significa pensar. Deste modo, o habitual e o inabitual, o familiar e o não-familiar pertencem mutuamente à nossa existência. O inabitual revela-se, sobremaneira, na arte, especialmente na poesia, entretanto, a obra arquitetônica é capaz de mostrar-se como indicação da correspondência do arquiteto ao inabitual. E tal correspondência indica uma relação elevada, comprometida com a nossa “morada”. Neste trabalho intenta-se buscar no pensamento heideggeriano o esteio para refletir-se o habitar do ente humano, questionando-o a partir da atividade criadora da arquitetura, de modo a investigar a concepção arquitetônica de alguns arquitetos, tais como Alvar Aalto e Frank Lloyd Wright, tendo por objetivo revelar indícios de que as suas obras mostram-se como a verdadeira expressão do “inabitual” na obra arquitetônica.

Palavras-chave: Habitar; Inabitual; Arquitetura.



Sessão 6: Arte, Habitação e Arquitetura

“Ecopoética arquitetônica: uma perspectiva sobre o habitar”

Maristela Moraes de Almeida (UFSC)

Resumo: Percorrendo um caminho experimental em busca do que fundamentaria o projeto, venho investigando a arquitetura como fenômeno, e mais recentemente, sua gênese e expressão ecopoética. Habitar, nesta perspectiva, manifesta-se através de elementos tangíveis e intangíveis em torno, dentro e através dos quais experimentamos lugares. Para além da sensorialidade intrínseca a este ato, podemos perguntar como, por meio dela, expressa-se um sentido de transcendência capaz de re/conectar ao habitat original, onde a nossa natureza se constituiu. Ainda que estejamos vivendo afastados de um genuíno habitar, poderíamos reencontrar a direção do sagrado através dos lugares que projetamos?

Palavras-chave: arquitetura ecopoética; projeto arquitetônico; fenomenologia.



Sessão 6: Arte, Habitação e Arquitetura

“Habitar e desenvolvimento local”

Victor Hugo de Oliveira Marques (Universidade Católica Dom Bosco)

Resumo: A comunicação, aqui resumida, diz respeito a aplicação do tema do habitar tal como discutida por Heidegger ao tema do desenvolvimento local. A discussão ôntico-ontológica do fenômeno do desenvolvimento permite abrir os seguintes problemas: a crítica da ideia de sujeito moderno e o lugar do homem no desenvolvimento, o problema do território (a matematização e a desterritorialização do local) e o problema da erradicação do desenvolvimento por meio da Economia global. Diante disso, é possível teorizar uma crítica do sentido moderno da Economia e recolocá-la, ontologicamente, desde um “geodesenvolvimento” ou Desenvolvimento Enraizado. Economia é *Desenvolvimento Local* quando: o sentido de “eco” recupera o “oikos” e o sentido de “nomos” recupera o “cuidar”. Assim, Economia é o “cuidado com a casa”. Cuidar da casa é o mesmo que “desenvolver o local”. Esta nova indicação fenomenológica para o desenvolvimento oferece a estrutura ontológica prévia que é condição para uma posterior Ontologia do desenvolvimento.

Palavras-chave: Desenvolvimento Local; Cuidar; Heidegger.



Sessão 6: Arte, Habitação e Arquitetura

“O inabitual da obra de arte”

Margarete Aduque (UFRN)

Resumo: Martin Heidegger reflete a obra de arte em seus escritos filosóficos sob uma perspectiva que se distancia do modo de pensar calcado no pensamento moderno e da técnica. O filósofo alemão nos apresenta, especialmente em *A Origem da Obra de Arte* e demais escritos em que a arte é trazida ao questionamento, como dotada de singularidade. A arte guarda o inabitual, diferentemente do utensílio, o ser do instrumento, que preserva a familiaridade e que é visto pelo homem sob o âmbito da serventia. Traz então, a arte o espanto, essa estranheza que nos arrebatamos do que costumeiramente nós, humanos contemporâneos voltados ao útil, ao gosto e ao cálculo persistimos em manter. É envolta na inabitualidade. Nesse estranhamento a obra de arte apresenta-se como ela é. A presente proposta de comunicação tem a intenção de discutir acerca do modo como Heidegger reflete a obra de arte enquanto promotora da estranheza que resulta em modo de ver a arte como ela é, fora da mirada compreendida pelo sentido do útil e do familiar.

Palavras-chave: Heidegger; Arte; Estranheza.



Sessão 6: Arte, Habitação e Arquitetura

“Deslocamentos no fazer artístico: entre o habitar e o caminhar”

Rafaela Jemmene (Unicamp)

Resumo: A maneira de ver o mundo mudou, foi transformada e com isso as práticas artísticas também sofreram mudanças. A forma de observar, entender e representar o mundo passaram por alterações importantes. Partindo do conceito de Topocrítica proposto por Nicolas Bourriauad, pretendo discutir alguns pontos relativos ao habitar e ao caminhar no fazer artístico, tendo como metodologia o *site-specific* e a montagem. Com o intuito de propor um diálogo usarei como para discussão meus trabalhos poéticos em uma conversa com outros artistas e pensadores. Os artistas criam suas próprias ferramentas, para compreenderem e aproximarem-se do mundo, cada um a sua maneira, buscando suas necessidades e anseios de resoluções de discursos e trabalhos artísticos. Muitas vezes, os artistas contemporâneos exploram a geografia a partir de modos de habitar, com múltiplas redes, circuitos de deslocamentos e questões de ordem política, econômica e social. Problemáticas que delimitam alguns territórios humanos e também demarcam um ponto de atividade, no qual os artistas podem atuar.

Palavras-chave: site-specific, deslocamentos, montagem.



03 DE JUNHO – QUINTA-FEIRA



Conferências

“

Conferência 3

“El acogimiento del ser y el desahucio del ente”

José Ordóñez-García (Universidad de Sevilla)

Resumen: Basándonos en la diferencia ontológica, desarrollaremos una interpretación práctica de ésta desde la manera cómo actualmente se nos revela fácticamente los fenómenos de la “habitación”, la “okupación”, la “hospitalidad”, el “refugio” y el “hospedaje”, entre otras formas del “vivir dentro de” como un modo del espacio existencial, del espacio propio, familiar, íntimo y ético. El habitar, característica singular del existente, constituye lo que podríamos denominar el “mundo propio” frente al “mundo común”, el adentro y el afuera que se pone en juego bajo la diferencia entre la ética y la moral, entre el uno mismo y el sí mismo. Con todo esto intentaremos circunscribir y clarificar el sentido del término “vivienda”, que, en principio, indica algo en torno a la demora.

Palabras clave: Acogimiento; habitar; desahucio.



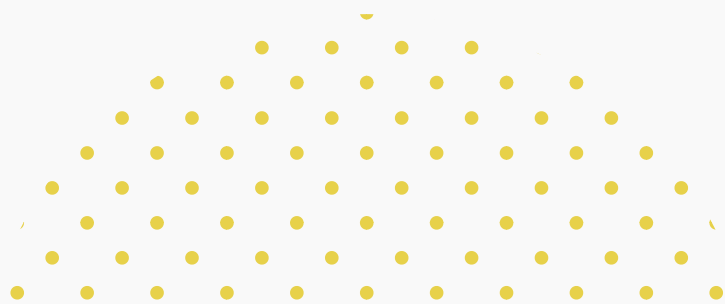
Conferência 4

“Acerca de lo inhabitual: Margherite Porète o habitar el país de la libertad”

Claudia D’Amico (UBA-UNLP-CONICET)

Resumen: Estudios recientes acerca del quehacer del historiador de la filosofía ponen en juego la noción de extrañamiento: se trata de hacer extraño lo familiar y hacer familiar lo que nos resulta inhabitual sin renunciar a la diacronía que implica hacer historia ni descontextualizar a los pensadores y sus doctrinas. Todo lo que sabemos de Margherite Porète proviene de los documentos inquisitoriales que la llevaron finalmente a la hoguera en 1310. En estos documentos se la llama “beguina” y hay una alusión a un escrito, aunque no se declara su título. Este libro, El espejo de las almas simples, se ha conservado. Nuestro abordaje procurará acercarse a la vida de la religiosidad femenina laica de la baja edad media y a algunos tópicos del libro de Margherite en el cual propone para sí misma la escritura como liberación personal y para el lector un camino hacia un lugar donde habitar, el país de la libertad.

Palabras clave: Margherite Porrete; Libertad; Mística.



Sessão 7: Habitar o impossível e o Inabitual

“*Collatio esse in principio* no prologo ao *opus tripartitum* de Mestre Eckhart: Uma Topologia do desprendimento”

Pedro Calixto

Resumo: No Prólogo Geral de seu *Opus Tripartitum*, § 17, Mestre Eckhart afirma: “O nada nada recebe, não pode ser sujeito, não pode ser termo, nem fim de uma ação [...]. Se se admite que uma coisa é recebida no nada ou nele se termina, ela não é ente, mas nada.” Nesse sentido o ser, que é Deus, constitui o lugar onde tudo, absolutamente tudo, deve habitar para existir. A presente intervenção tem como objetivo meditar sobre o sintagma “*Collatio esse in Principio*” e demonstrar como a concepção da atribuição da existência *In Principio* integra e transcende a noção aristotélica de causa material e formal. O fato de ter excluído o modelo artesanal da causalidade ontológica e de ter demonstrado a inadaptação do conceito de alteridade no agir do ser sobre as coisas, implica no reconhecimento de que o ser que funda a ‘entidade’ age em si mesmo. Em outras palavras, a entidade das coisas finitas é um efeito da potência do ser agindo sobre si mesmo, um habitar *in Principio*.

Palavras-chave: Mestre Eckhart; *Collatio esse*; *in Principio*.



Sessão 7: Habitar o impossível e o Inabitual

“El mal y su inabitual entidad: una visión agustiniana”

Pablo Antonio Morillo Rey (Facultad de Teología “San Isidoro de Sevilla”, España)

Resumen: Sin duda, ha sido el problema del mal una cuestión que –a lo largo de los siglos- ocupó y copó el pensamiento de distintos filósofos. No obstante, entre todos ellos resplandece Agustín de Hipona (354-430) como inicial y primigenio estudioso del mismo. Pero, el mal en sí ¿posee entidad propia? ¿Acaso es o, más bien, carece de ser? Y si careciera de ser ¿cómo podría existir? Su existencia ¿es algo real o pura entelequia, mera falacia o apariencia simple? Su esencia ¿es la desnuda potencialidad? Cuestiones tan habituales y reales como éstas, fueron ya planteadas por el genio de Hipona e incluso –tomando como base y referencia la corriente neoplatónica- resueltas en su inherencia. De esta forma, y apoyados en dicho autor medieval, podemos descubrir que – a veces- lo que es o puede llegar a ser, no lo es más sino en virtud de algo que ya es, puesto que si se da el no-ser, a la fuerza tiene que existir el ser: Si malum est, Deus est” (Santo Tomás de Aquino, Suma Contra Gentiles III, 71).

Palabras claves: Mal; No-ser; Existencia.



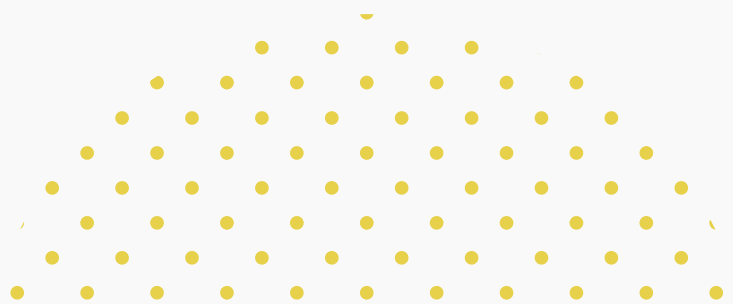
Sessão 7: Habitar o impossível e o Inabitual

“Habitar el espacio: el paseo del Dasein entre los no lugares de Foucault”

Miguel Grijalba Uche (Universidad de Valladolid)

Resumen: Decía Foucault que la preocupación por el espacio es la característica del siglo XX. Pero no se trata de un desarrollo en una línea temporal sino de una dispersión de emplazamientos en donde habitar-morar o construir fueran formas de nuestro horizonte epistemológico. Para Foucault el espacio es donde se escribe nuestra existencia en el mundo, sus técnicas y estrategias de clases, géneros y sexos. La heterotopología de Foucault nos sirve como fenomenología de la dispersión del habitar, del estudio de los no-lugares en la espacialidad de la existencia del Dasein. Estos espacios otros son lugares efectivos del mundo pero como contraespacios que están destinados a borrar, neutralizar o purificar a otros lugares. Son una suerte de utopía localizada, espacios de desrealización del sujeto que supone perder su identidad. Desde el Dasein heideggeriano hablaremos de infraestructuras anónimas que se dirigen a cualquier parte, que se esconden en el abismo visual que identifica a estos emplazamientos y que necesitamos para verlos algún punto de apoyo en medio de este vacío que es fruto de nuestra indiferencia, conectando el habitar de Heidegger y la heterotopía de Foucault.

Palabras clave: heterotopía; Dasein; contraespacios.



Sessão 8: Existência e Fenomenologia

“A Teleologia histórica e a humanidade universal em Husserl”

Leonardo de Sousa Oliveira Tavares (Universidade de Coimbra)

Resumo: A partir de uma leitura centrada, principalmente, em *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*, pretendemos apresentar como a fenomenologia husserliana tardia descreve a humanidade europeia enquanto um meio de superar a distinção essencial entre ser compatriota e ser estrangeiro. Das culturas particulares para uma cultura universal, o mundo circundante cultivado pelas comunidades e indivíduos humanos é em si mesmo uma formação espiritual que tende ao polo da vida ideal de uma humanidade inicialmente grega que europeiza-se para, finalmente, mundanizar-se. Em um percurso de habituação incessante, podemos considerar os hábitos dos povos particulares como ensaios para o hábitos baseados nas normas ideais do porvir. Considerados os riscos da perda do solo (*boden*) originário, o espírito encaminha-se para uma cultura universal descrita, de acordo com nossas possibilidades, ao longo do artigo.

Palavras-chave: fenomenologia; Husserl; história.



Sessão 8: Existência e Fenomenologia

“Fenomenología y metafísica en Jean-Luc Marion”

Matías Ignacio Pizzi (UBA-UNTREF-CONICET)

Resumen: El objetivo de la presente comunicación consiste en dilucidar la noción de metafísica implícita en la fenomenología de la donación de Jean-Luc Marion. En primer lugar, abordaremos la relación entre fenomenología y metafísica en su obra temprana *L'idole et la distance* (1977), poniendo el acento en la propuesta de una “teología no-metafísica” que allí se hace presente. En segundo lugar, abordaremos la noción de metafísica presente en su obra *Étant donné* (1997), deteniéndonos en su formulación de la tópica de los “fenómenos saturados” (*phénomènes saturés*). Finalmente, ofreceremos una síntesis de la presente cuestión a partir de sus últimas obras. Este tema encuentra una relación directa con el tema del presente coloquio, toda vez que la crítica marioniana a la metafísica implica un intento por repensar el estatuto del fenómeno, ya no bajo los límites del concepto, sino a partir del exceso de los fenómenos saturados, abriendo así a la posibilidad de experimentar lo “inhabitual”.

Palabras clave: Fenomenología; metafísica; Jean-Luc Marion.



Sessão 8: Existência e Fenomenologia

“Habitar la naturaleza. Heidegger y la interpretación de los versos 41-44 de Los Titanes de Hölderlin”

Danilo Serra (Universidad de Bergamo/Italia)

Resumen: La siguiente propuesta de trabajo pretende reflexionar sobre la interpretación heideggeriana de los versos 41-44 de *Los Titanes* de Hölderlin. Aquí Heidegger encuentra aspectos fundamentales de su pensamiento: la esencia del habitar y del construir, la pregunta sobre la problematicidad de la existencia, la defensa de la sacralidad de la tierra (y de su inviolabilidad). Los versos se refieren a la pregunta que siempre ha constituido el baricentro del pensamiento heideggeriano: la *Seinsfrage*. Estos versos responden a la necesidad de restablecer (y en cierto sentido *recrear*) ese diálogo con el ser que la tradición metafísica ha contribuido a olvidar. Esta necesidad sigue siendo muy importante y necesaria hoy en día, especialmente en la era de la manipulación de los recursos de la tierra, donde domina la lógica de la imposición, la reducción y la acumulación - la era del Antropoceno. En la poesía del poeta, Heidegger capta, por tanto, la emergencia de un estilo particular de pensamiento, opuesto a la racionalidad científico-técnica, capaz de superar la relación de dominación y cálculo de la naturaleza, abriéndose a nuevas y más amplias posibilidades de existencia, a nuevas y más auténticas formas de ‘habitar la naturaleza’.

Palabras clave: tierra; habitar; técnica.




Sessão 8: Existência e Fenomenologia

“Habitando a Natureza: por uma “Pedagogia do Despertar” a partir de um diálogo com as paisagens de H. D. Thoreau”

Clodomir de Andrade (PPCIR/UFJF)

Resumo: A reflexão proposta deseja explorar as possibilidades de se pensar, e se superar, as consequências perturbadoras do esquecimento da condição de enraizamento originário do ser humano como ente natural, compreendendo-o como um afloramento, um epifenômeno consciente da infinidade de manifestações da Natureza. Tal esquecimento, oriundo da nossa miopia cognitiva ocasionada pela muitas camadas de sedentarização e domesticação da nossa mirada, se manifesta em dois tipos de deformação do nosso olhar: primeiro, na falsificação da nossa natureza como entes sobrenaturais, quer pela presença de uma suposta “alma” ou na posse exclusiva de uma “razão”, que no especismo do nosso vocabulário narcisista nos emprestaria uma suposta centralidade e teleologia cósmica; além disso, tal deformação desfigura também o próprio mundo natural, onde, a partir do nosso divórcio unilateral da Natureza, nos imaginamos “seres culturais”, vale dizer, nos distanciamos, hierarquizamos antropicamente, subalternizamos e instrumentalizamos, a partir da tomada violenta daquilo que agora é compreendido como acervo passivo de recursos, os entes naturais que conosco florescem, para a realização da hipertrofia do nosso desejo, único caminho redentorista possível num mundo há muito desencantado. Assim, procurar-se-á refletir, a partir do pensamento de Henry D. Thoreau (1817/1862), acerca da nossa pertença (oikeiōsis) radicular à nossa morada (óikos) natural mais arcaica, a Natureza, e num novo modo de habitá-la. Para tanto, buscar-se-á imaginar a possibilidade de superação daquela dupla deformação do nosso olhar no diálogo com a obra Thoreauviana, registrando, lá, as paisagens que compõem os horizontes que podem nos ajudar no esforço de imaginar uma “Pedagogia do Despertar”, ou seja, de se imaginar as condições de possibilidades de um projeto anamnético que se traduza tanto numa meditação poética propedêutica, quanto em um novo tipo de habitar no mundo.



Tentando auscultar, nesse processo, as vozes silenciosas do mundo natural, e se pensando, também, o necessário redimensionamento tanto da natureza quanto do uso da técnica, a partir da perspectiva “sacramental”, veiculada no registro poético-mitológico favorecido por Thoreau. Para tanto, procurar-se-á explicitar tal abordagem ao se pensar de forma crítica duas manifestações do universo da técnica: a arquitetura e a agricultura. Por fim, buscar-se-á pensar aquele projeto anamnético do despertar como, de fato, uma modulação da vascularização da consciência na Natureza, particularizada em nós, em busca de si mesma.

Palavras-chave: Natureza; habitar; despertar.

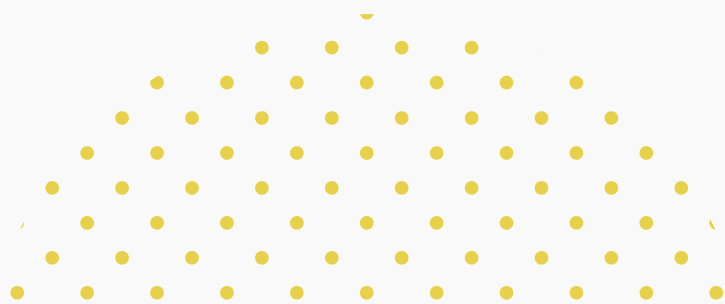
Sessão 9: Filosofia e Natureza

“Espacialidades do animal”

Ricardo de Oliveira Pires (Fundação Universidade de Caxias do Sul – UCS)

Resumo: O mito de Narciso não se encontra na mesma categoria das tragédias gregas, como a de Édipo Rei. Entretanto, foi considerado por Freud (2004) como central à estruturação psíquica do homem. A questão é que tal trama mitológica talvez tenha continuado, pelas entrelinhas do desejo, até os dias de hoje com a morte de Eco pelo jovem. Afinal, Narciso passou a habitar outro mundo, materializando a profecia de oráculos e deuses, ao amar-se através do Outro. É o que aponta Krenak (2021), referindo-se ao divórcio do homem com a Terra. Mas teríamos ido para onde? Segundo Triska e D’Agord (2013), o ser do psíquico não é ontológico, mas topológico. Os autores apontam para a espacialidade que a linguagem, marcadamente referida ao significante (LACAN, 1998), confere ao homem. Entretanto, seria essa metafísica topológica uma forma de canibalismo (VIVEIROS DE CASTRO, 2015)? Uma forma de habitarmos a morte? E nesse sentido, estaríamos à espera de que Eco nos mostrasse outras perspectivas frente ao abrupto do real?

Palavras-chave: Psicanálise; Filosofia; Ética Animal.



Sessão 9: Filosofia e Natureza

“Um outro habitar no pensamento ameríndio”

Leonardo Domingos Braga da Silva (PPGFIL/UFRN)

Resumo: A apresentação será uma interpretação do tema do habitar a terra partir do pensamento de Ailton Krenak em diálogo com Martin Heidegger. A base dessa interpretação reside na crítica que Krenak faz ao modo de habitar o cosmo próprio das sociedades capitalistas ocidentais, de um lado e o ser-em abordado por Heidegger em Ser e Tempo, por outro lado. Na primeira parte da apresentação, será apresentado um desenvolvimento desses conceitos em cada autor. Na segunda parte, será mostrado a interseção possível entre ambos autores na qual o pensamento de Heidegger pode contribuir ao pensamento de Krenak, aprofundando a força de seu dizer.

Palavras-chave: Ser-no-mundo; natureza; habitar.



Sessão 9: Filosofia e Natureza

“Aliança afetiva: aproximações entre o pensamento de María Zambrano e Ailton Krenak”

Ana Paula Mendes de Oliveira (PPGFIL/CCHLA/UFRN)

Alexon Estevam da Fonseca (CCHLA/UFRN)

Resumo: O trabalho em questão, de carácter ensaístico, pretende expor uma interpretação que traz aproximações entre, o pensamento de María Zambrano e de Ailton Krenak, no que tange alguns elementos da metafísica e a cosmovisão de cada um, respectivamente, a fim de deflagrar suas formas de habitar (ethos, modo de ser e fazer), que trás consigo uma crítica a metafísica tradicional e a racionalidade moderna, por consequência, uma oposição ao modo de habitar destrutivo da sociedade ocidental capitalista. Portanto, iremos partir das consequências elencadas pelos pensadores, p.ex.: cisão entre ser humano e natureza, por sua vez, essa pensada enquanto recurso; e os tipos de solidão e sub-humanidades que tal cisão produz; avançando na aproximação em algumas noções centrais e periféricas de suas obras, como por exemplo, a noções de *Natureza* em ambos; a correspondência com *Alma humana e a Natureza*, em Zambrano; como também comentamos brevemente, a semelhanças e potencialidades na forma em que eles expressam seus pensamentos, isto é, o uso da linguagem poética, como meio de reconciliação e reintegração com a vida.

Palavras-chave: metafísica; cosmovisão; natureza.



Sessão 9: Filosofia e Natureza

“A noção de humano e as formas do habitar no pensamento de Ailton Krenak”

Álvaro Ricardo Cruz da Silva Filho (PPGFIL/CCHLA/UFRN)

Laércio de Assis Lima (PPGFIL/CCHLA/UFRN)

Resumo: A ideia de uma humanidade coesa atravessa os modelos e as formas sociais de habitar das sociedades ocidentais. Essa ideia se institui por uma narrativa hegemônica que parece excluir qualquer outra forma possível de se estar e permanecer sob um teto aqui na Terra. Ailton Krenak formula, então, a seguinte questão: *somos mesmo uma humanidade?* Inserindo-se no contexto de pensadores contemporâneos que criticam a ideia de humanidade pensada exclusivamente a partir da perspectiva da coesão e do progresso, o pensamento de Ailton Krenak possibilita o levantamento de algumas implicações dessa noção: supressão da diversidade, negação da pluralidade das formas de existência, uniformização dos hábitos, padronização das formas do habitar. O objetivo deste trabalho é articular a concepção krenakiana de humano com outras formas possíveis de habitar tanto um lugar neste mundo, quanto uma cosmovisão.

Palavras- chave: habitar; humanidade; Krenak.



04 DE JUNHO – SEXTA-FEIRA



Conferências

“

Conferência 5

“Arquitetura do Inútil: uma olhada em Bruno Taut”

Oscar Federico Bauchwitz (Departamento de Filosofia – UFRN)

Resumo: *Arquitetura do inútil* indica um caminho aberto por questões levantadas pelo pensamento de Martin Heidegger acerca do modo do ser humano habitar e construir seu mundo, e de como o pensamento e a linguagem possibilitam e regem a essa habitação. Na vigência destas questões, uma *arquitetura do inútil* reivindica o seu pertencimento e corresponde ao apelo daquilo que Heidegger denominou de *topologia do ser*, um poetizar pensante onde tem lugar uma experiência da ordem do inútil, algo rechaçado no domínio do mundo da armação (Gestell), mas de caráter necessário se pensado à luz de um pensamento que procura pensar na necessidade libertária do habitar. Uma breve exposição da obra do arquiteto Bruno Taut deve introduzir as suas ideias e os projetos que permitem relacioná-lo com o caminho que aqui se expõe, ao tempo que se explicita a pertinência da arquitetura como interlocutora do pensamento heideggeriano.

Palavras-chave: Arquitetura do Inútil; Habitar; Topologia do ser.



Conferência 6

“Uma habitação convulsionada: a filosofia expulsou a natureza, a natureza encostou no mundo: reflexão breve sobre o paradigma pandêmico”

Marcio Tavares d’Amaral (Escola de Comunicação (ECO) – UFRJ)

Resumo: Proponho que a filosofia grega tenha enfrentado a tensão entre a atração e o temor frente às demasiadas multiplicidades do mundo (um ethos paradoxal, que se resolveu pelo temor) elaborando refinadas maneiras de afastar a natureza do Homem, e que essa tenha sido uma das linhas de força de toda a filosofia até hoje. Construimos para nós um mundo que excluiu, tendencialmente, a Terra. No final do século XX, o processo de globalização pela planetarização da técnica e o consumo generalizado arrazoou o mundo, e a Terra não encontrou mais espaço nem mesmo para o seu exílio. A Terra invadiu o mundo. A pandemia é a catástrofe dessa invasão, e formula um novo paradigma para nós, não mais mental, mas existencial.

Palavras-chave: Terra; Mundo; Existência.





Apoio



PPG
Pró-Reitoria de Pós-Graduação

